

PEDAGOGIA INACIANA, ÉTICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Pe. Josafá Carlos de Siqueira SJ

Professor e Vice-reitor da PUC-Rio

A pedagogia inaciana é profundamente ética e ambiental, razão pela qual vem percorrendo os séculos e rompendo os limites das contingências históricas globais e locais.

Tendo como inspiração os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, a pedagogia inaciana possui uma visão integradora da realidade, onde a dimensão antropológica está profundamente articulada com as abordagens teológica e cosmológica.

A pergunta pelo sentido profundo da existência humana e a razão pela qual fomos criados, objeto da formulação do Princípio e Fundamento, está intimamente relacionada com a visão amorosa da realidade que aparece na Contemplação para alcançar Amor no final dos Exercícios Espirituais. A experiência vivida nos Exercícios Espirituais nos leva a compreender toda a cosmovisão integradora que está por trás da pedagogia inaciana. Esta realidade nos leva a uma convicção de que no contexto atual, onde as questões ambientais emergem não apenas em função de busca de alternativas sustentáveis para a sobrevivência do planeta, mas também pela urgência de mudanças de paradigmas éticos no nosso modo de relacionar e cuidar de toda a criação, a espiritualidade inaciana se mostra como uma mediação cada vez mais eficiente. O motivo está na sua visão holística, onde não se pode separar a ação de Deus na pessoa humana e na natureza. Nossa maneira inaciana de contemplar e ver a realidade social e ambiental não é algo alienante, teórico e romântico, mas, ao contrário, algo bem real, discernido e concreto, sempre com uma preocupação em formar a pessoa humana voltada para Deus, para a sociedade e para uma relação mais respeitosa e contemplativa da natureza circundante. Para Santo Inácio, a experiência dos Exercícios Espirituais deve nos conduzir a uma relação de amor onde não se pode separar o divino, o humano e cósmico. Neste sentido podemos afirmar que o nosso modo de proceder pedagógico deveria ser profundamente ambiental, pois as relações entre pessoa humana, meio ambiente e Deus fazem parte de nossa identidade inaciana.

Diante desta realidade, o grande desafio que temos na educação é a formação integral da pessoa humana, não havendo espaço para uma concepção educativa esquizofrênica. Não faz parte do nosso modo inaciano de proceder formar mentes e corações fragmentados, onde os enfoques socioambientais e teológicos são tratados separadamente, às vezes sem nenhuma articulação. O que deveria nos diferenciar pedagogicamente de outros métodos e processos educativos existentes é exatamente a maneira integrada de pensar, agir e ver a realidade. A reprodução de conteúdos fragmentados de nossos saberes científicos não tem possibilitado a formação de uma consciência mais integradora do contexto socioambiental

em que vivemos. Os reflexos são cada vez mais percebidos no ensino superior e na prática cotidiana da juventude, onde os jovens têm dificuldades em pensar eticamente a relação intrínseca entre Deus, sociedade e meio ambiente.

A sustentabilidade socioambiental, defendida por muitas correntes dos movimentos ecológicos, onde a interdisciplinaridade se apresenta como um dos caminhos que possibilita o resgate de uma visão mais cosmocêntrica, a princípio não deveria ser uma novidade para a pedagogia inaciana, pois em seus fundamentos, conteúdos e inspiração, a dimensão integradora e relacional está implícita. Quando falamos em interdisciplinaridade revelamos na verdade um questionamento na visão de mundo e um desejo de resgatar uma cosmovisão integradora que permita compreender melhor a realidade pluriversa em sua totalidade. No nosso modo inaciano de educar, os pressupostos teológicos, espirituais, sociais, ecológicos e éticos são fundamentais no processo de construção da interdisciplinaridade. A vivência da pedagogia inaciana nos ajuda a compreendermos melhor a interdisciplinaridade, superando os problemas gerados pelos saberes fragmentados. Infelizmente, por razões de medo, falta de ousadia e carência de uma experiência mais integradora dos Exercícios Espirituais, continuamos a reproduzir conteúdos fragmentados, incompatíveis com a visão que está por trás de nossa pedagogia inaciana.

Outro aspecto que está intimamente relacionado com a pedagogia inaciana é a sua dimensão ética. Todo nosso modo ético de educar deve estar em conformidade com os nossos hábitos e costumes, pois, afinal, os hábitos (hexis) e os costumes (ethos), colunas fundamentais da ética, são imprescindíveis para uma verdadeira educação socioambiental.

Se em nossas instituições cultivamos hábitos de pensar e agir de maneira interdisciplinar e transdisciplinar, se conseguimos criar mediações integradoras entre Deus, pessoa humana e natureza, se reproduzimos gestos concretos de hábitos sustentáveis em nossas escolas, se abrimos caminhos para as atividades educacionais integradoras nas relações sociais e ambientais, se temos a coragem de apresentar paradigmas inspirados no Evangelho que para a construção de um mundo mais justo e solidário em favor dos pobres, podemos ter a certeza de que os nossos hábitos pequenos e grandes, vividos na comunidade educativa, estarão contribuindo para uma futura mudança de costumes das gerações presentes e futuras.

A relação entre ética e pedagogia inaciana continua a ser um desafio para todos nós que trabalhamos em instituições de ensino da Companhia de Jesus, sobretudo no que diz respeito ao resgate dos valores éticos inspiradores de nossa tradição pedagógica inaciana.

A tradição jesuítica e inaciana, vivida secularmente entre religiosos e leigos, foi sempre diferenciada pelo equilíbrio entre as cosmovisões teocêntrica, antropocêntrica e cosmocêntrica. No processo de formação da pessoa humana a integração entre Deus, sociedade e natureza está intimamente relacionada. O teocentrismo desencarnado, o antropocentrismo ensimesmado e o naturalismo radicalizado não correspondem ao nosso modo inaciano de ser e agir.

Diante do crescimento de uma consciência planetária marcada pela contradição do individualismo personalista e de uma solidariedade teorizada temos eticamente a responsabilidade em formar homens e mulheres capazes de administrar e equilibrar as duas formas de racionalidades que imperam em nossa sociedade atual. De um lado encontramos a racionalidade técnica, científica e quantitativa que predomina e fascina as pessoas pelos grandes benefícios, facilidades e acessos. No entanto, esta racionalidade não tem sido capaz de equilibrar as relações socioambientais pela ausência de um humanismo subjacente. Por outro lado, temos a racionalidade axiológica que enfatiza os valores humanísticos, estéticos, ambientais, religiosos e contemplativos, necessários para manter uma relação mais integradora entre a pessoa humana, o transcendente e a natureza. Infelizmente esta racionalidade caminha a passos lentos, embora se mostre fundamental no processo de construção da interdisciplinaridade entre outros saberes oriundos das artes, músicas, poesias, espiritualidades etc.

A pedagogia inaciana tem hoje este desafio em buscar o equilíbrio entre estas duas racionalidades, sobretudo no que diz respeito à educação ambiental. Se olharmos para o passado remoto, este equilíbrio entre ambas estava muito presente nas práticas pedagógicas dos primeiros jesuítas. Sabemos que a educação ambiental é um processo de construção de ações socioambientais com objetivo de suscitar e despertar valores, reeducando a pessoa humana para uma relação mais sustentável com a natureza e a sociedade. A educação ambiental nos leva a um processo de reflexão sobre as práxis sociais contínuas e permanentes, envolvendo todas as etapas do ensino formal e não formal. Na primeira envolve aspectos curriculares e interdisciplinares. Na segunda agrega valores e outras formas de saberes fundamentais na formação da pessoa humana.

É interessante observar a sabedoria das práticas educativas que estava presente na pedagogia inaciana dos primeiros jesuítas, onde a música, a poesia, o teatro, o manejo da terra e dos recursos hídricos, entre outras, faziam parte do processo formativo e holístico da pessoa humana. Na linguagem moderna podemos atribuir estas atividades como sendo a verdadeira educação ambiental, com o equilíbrio entre a racionalidade de valores e a racionalidade técnico-instrumental. Pedagogicamente esta experiência nos mostra a importância em resgarmos esta tríplice dimensão entre o teológico, o antropológico e o cosmológico, pois a mesma deve fazer parte de nosso modo de ser e ensinar.

Finalmente gostaríamos de terminar esta breve reflexão lembrando que só conseguiremos atingir este ideal de termos diante dos olhos o imperativo inaciano da “determinação”, que embora pouco falado, faz parte da tradição da Companhia de Jesus. Como jesuítas e inacianos temos a determinação em querer saber, resgatar e recriar coisas novas a partir das experiências do passado e dos desafios presentes e futuros. Imbuídos do segundo grau de humildade dos Exercícios Espirituais, que nasce da indiferença, olhamos para as experiências historicamente sábias e acumuladas ao longo da história, como também para os desafios enormes que temos pela frente. A determinação inaciana se

constrói numa consonância entre passado e presente, abrindo-se às incertezas de um futuro incerto e desafiador. A determinação inciana se expressa num fazer humano e histórico como se tudo dependesse de nós e, ao mesmo tempo, numa total e absoluta confiança e entrega a Deus, como se tudo dependesse Dele. Talvez a mesma frase que Santo Inácio formulou para um estudante jesuíta de seu tempo possa ainda hoje servir para todos nós:

“Na vida e na missão, quem não se determina, pouco entende e menos ajuda”.